

O “CONFLITO” ENTRE NICARÁGUA E EUA: A IMAGEM “NEGOCIADA” DO MOVIMENTO SANDINISTA NA IMPRENSA BRASILEIRA

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian

(Mestrando em História – UNESP/Assis; bolsista FAPESP)

No estudo de determinado tema através de jornais, há que se ter em mente que, na imprensa escrita, a apresentação das notícias não pode ser tomada como mera repetição de ocorrências e registros, mas como uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações podem denotar muitas das atitudes próprias de cada veículo de informação.

A imprensa constitui uma realidade muito específica, com formas e até mesmo com uma escrita própria, expressa em artigos, títulos, manchetes etc. Há uma linguagem particular composta por três elementos principais: a expressão escrita (textos, manchetes), a expressão icônica (fotos, desenhos) e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pelas páginas do jornal).

Como ressalta Zicman¹, nas relações da história com a imprensa podem ser destacadas duas grandes correntes interpretativas. A primeira, chamada de “História da Imprensa”, busca reconstruir a evolução histórica dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características, para um determinado período. A segunda perspectiva é aquela conhecida como “História Através da Imprensa”, que engloba os trabalhos que tomam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica.

Neste trabalho apresentar-se-á um estudo de um determinado objeto “através da imprensa”, mais especificamente através de cinco periódicos – *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *O Tempo* – levando-se em conta as dimensões sociológicas, políticas e, principalmente, históricas desses órgãos. Conforme propõe Zicman

[...] toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados. Mesmo quando não se faz História da Imprensa

propriamente dita – mas antes o que chamamos História Através da Imprensa – está-se sempre “esbarrando” nela, pela necessidade de historicizar os jornais.²

Veículos de grande importância para a disseminação das idéias da intelectualidade brasileira das primeiras décadas republicanas, os jornais foram espaço privilegiado para a discussão de diversos projetos para a “edificação” do Brasil enquanto potência na América. Essa discussão se deu, evidentemente, a partir da comparação com os outros “exemplos” latino-americanos e, principalmente, tendo como referencial a “grande potência do Norte”, os Estados Unidos da América.

A intelectualidade brasileira do início da República trouxe consigo, do Império, a afirmação do Brasil enquanto país diferenciado dos demais latino-americanos, da “outra” América. Os intelectuais – atuando como ensaístas, políticos, educadores, diplomatas ou jornalistas – procuraram compreender as razões do progresso norte-americano em face do atraso brasileiro e dos demais países do continente. Apesar de divergirem com relação às suas concepções acerca dos Estados Unidos, a importância do referencial norte-americano não podia ser desprezada, e foi a partir da visão que se construiu dos Estados Unidos que os jornais aqui analisados interpretaram o conflito entre esse país e a Nicarágua, objeto de nosso estudo.³

De acordo com Baggio⁴, duas vertentes principais debateram nos jornais e revistas da época⁵: uma delas valorizava a tradição ibérica, afirmando a originalidade brasileira proveniente de suas origens portuguesas; outra recusava essa “herança”, contrapondo às tradições monárquicas portuguesas o modelo republicano e liberal-democrático dos Estados Unidos.

No seio dessa discussão estavam presentes, entre outras, as questões do pan-americanismo e do imperialismo. De acordo com Moura⁶, pode-se dizer que as relações políticas entre EUA e América Latina, na virada do século XIX para o XX, podem ser vistas em duas linhas complementares e, em certa medida, contraditórias. De um lado, havia um esforço em articular as nações do continente de forma diplomática, por meio de reuniões

coletivas – as Conferências pan-americanas, ou interamericanas; esta era a tendência de atuação através do pan-americanismo. De outro lado, as relações dos EUA com seus vizinhos seguiam a lógica do interesse exclusivo, sendo costumeira a utilização de métodos de coação política e de uso da força; esta era a vertente propriamente imperialista da política externa norte-americana da época, ainda que a primeira tendência também contivesse, evidentemente, inúmeros elementos de coerção e dominação, políticos, econômicos, culturais e até mesmo científicos.

A política do pan-americanismo, iniciada no final do século XIX com o intuito de incentivar a integração dos países americanos sob a hegemonia dos EUA, foi discutida nas páginas dos periódicos e em diversas obras publicadas nesse período, que se dedicaram a uma reflexão acerca da América Latina, tendo como resultado, em sua maioria, uma “visão negativa sobre as nações hispânicas, contrastando com uma visão positiva sobre o Brasil”.⁷

Críticos ou defensores do pan-americanismo, esses de certa forma mais próximos dos EUA, não puderam deixar de se posicionar com relação à intervenção norte-americana na Nicarágua. Mesmo aqueles que viam nos EUA um modelo de progresso e civilização, como é o caso do grupo diretor de *O Estado de S. Paulo*, passaram a visualizar o “irmão do Norte” como uma ameaça à soberania nacional – princípio fundamental do liberalismo defendido pelos periódicos aqui elencados – e ao desenvolvimento dos países latino-americanos no seu conjunto.⁸ As ações contra o movimento sandinista provocaram reação por parte de vários setores da sociedade,⁹ e os órgãos da “grande imprensa” protestaram contra o fato. Esses “protestos” são o objeto de análise deste trabalho.

Assim, conforme enfatiza Capelato,¹⁰ pode-se notar que, apesar da significativa penetração, no Brasil, da política do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas, houve reação aos EUA, e a despeito das visões negativas sobre as nações hispânicas, houve manifestações de solidariedade aos países agredidos pelos norte-americanos. Intervenções como, por exemplo, a efetuada em terras nicaragüenses suscitaram propostas de unidade para a defesa das soberanias nacionais ameaçadas pelo domínio do Norte.¹¹ O viés agressivo da política externa norte-americana provocou, por parte dos jornais

brasileiros, reações mais contundentes do que as provocadas pelas insistentes negociações diplomáticas em torno do pan-americanismo.

Na década de 1920, o controle político e econômico por parte dos EUA no Caribe e América Central criou uma tranqüilidade relativa nas relações interamericanas. Esta “tranqüilidade” foi abalada justamente pela eclosão do movimento liberal em terras nicaragüenses, e o abalo foi aprofundado a partir do momento em que Sandino passou a liderar tropas independentes, negando qualquer tipo de acordo com os diplomatas norte-americanos.

No Brasil dos anos vinte, a crítica de oposição dos jornais aqui analisados ecoou em sua interpretação do conflito entre Nicarágua e Estados Unidos. Apesar das mudanças ocorridas na política interna e externa brasileira a partir de 1930, e ainda que alguns periódicos tenham redirecionado sua orientação política no pós-1930 – caso das *Folhas*, antes oposicionistas e depois governistas, inclusive por conta de seu empastelamento e da mudança de seus proprietários –, a crítica à intervenção norte-americana prevaleceu.

Vejamos então alguns exemplos das interpretações elaboradas pelos periódicos, em meio a esta profusão de idéias e projetos, de debates e embates – internos e externos –, com relação ao conflito envolvendo Nicarágua e EUA. Em virtude da brevidade deste texto, apresentaremos apenas alguns exemplos da produção jornalística dos cinco periódicos analisados a respeito do conflito entre Nicarágua e EUA, dando ênfase aos artigos e notas veiculados nos dois primeiros anos do período estudado (1926/1927), e privilegiando o material que se dedicou ao debate entre as idéias pan-americanistas e suas contradições evidentes com a prática imperialista norte-americana.

As previsões de alguns a respeito do imperialismo norte-americano, em contraponto às idéias pan-americanistas tão alardeadas por indivíduos nos EUA, não eram as melhores desde o momento inicial do noticiário a respeito do conflito na Nicarágua nas páginas dos jornais brasileiros. Em 28 de dezembro de 1926, o *Correio da Manhã* publicou uma nota proveniente da França, com as declarações do jornal francês *Le Temps* que, naquela circunstância, fazia uma previsão num de seus editoriais de que até 1950 os EUA teriam

estendido seu território até o Panamá. O mesmo editorial francês, reproduzido parcialmente pelo matutino carioca, acusava os “Estados Unidos de usar a doutrina de Monroe para esconder seus desígnios imperialistas” e declarava que todos os países do continente eram contrários a essa política, e que não protestavam porque precisavam do dinheiro americano (*Correio da Manhã*, 28/12/1926, p. 01). Em um editorial do mesmo dia, o matutino comentou essa “profecia”, e confrontou as declarações do jornal francês, bradando em nome da “resistencia dos latino-americanos ao predomínio que Washington sempre tem tentado” (*Correio da Manhã*, “Topicos & Noticias”, 28/12/1926, p. 04).

As manchetes a respeito do conflito na Nicarágua na primeira página dos jornais brasileiros começaram a se tornar cada vez mais freqüentes, destacadas por sua visibilidade e por seu conteúdo¹²: “Os jornaes de Paris e Berlim censuram a applicação sui-generis que os norte-americanos estão dando ao monroismo com relação à América Central” (*Correio da Manhã*, 28/12/1926, p. 01); “Enveredando cegamente por um caminho tortuoso, o imperialismo americano até a censura contra os nicaraguenses já estabeleceu dentro na Nicaragua” (*Correio da Manhã*, 29/12/1926, p. 01).¹³

Contudo, a *Folha da Manhã*, de 09 de janeiro de 1927, trouxe uma nota intitulada “A política externa dos Estados Unidos”, proveniente de um comunicado epistolar da *United Press*, versando sobre os objetivos gerais da política externa norte-americana para o ano de 1926. Esta, diferente da maioria das notas e artigos publicados nos jornais, procurava relativizar o caráter da participação dos EUA em acontecimentos na América Latina e, sobretudo, na Nicarágua, e contrapunha-se às interpretações conferidas por *O Estado de S. Paulo* e *Correio da Manhã*:

WASHINGTON, Dezembro (Comunicado Epistolar da “United Press”) – Um dos principaes objectivos da política externa dos Estados Unidos durante todo o anno de 1926, foi manter a situação geral de boa vontade pan-americana em face das difficuldades que certos problemas especificos offereciam com relação a determinados paizes. À medida que o anno chega a seu termo todos os indícios fazem presumir que os negocios deste hemispherio continuarão a offerecer grande importância internacional em 1927 [...]

No anno de 1926 a tendencia em favor da solidariedade das Republicas Americanas, indiscutivelmente soffreu sério retrocesso que provavelmente fará com que o movimento pan-americano durante algum tempo no futuro se não desenvolva sob uma forma política.

Esse ponto fraco nas relações inter-americanas durante 1926 foi demonstrado por ocasião das reuniões preliminares da Comissão Plebiscitaria de Tacna e Arica, na revolução em Nicaragua e na profunda divergência existente entre os Estados Unidos e o México a respeito das leis sobre terras e propriedade das reservas de petróleo. Este último problema ficou muito complicado pelos efeitos que a atitude do presidente Calles relativa à Igreja Católica, na opinião pública americana, os quais ainda não podem calcular-se.

Quaisquer que sejam as notícias que se publiquem sobre a questão do arbitramento em Tacna e Arica, os seus resultados negativos arraigaram a convicção quer nos meios oficiais quer nos particulares de que os Estados Unidos não devem intervir novamente, a não ser nas mais prementes condições, em litígios entre outras repúblicas e em que os Estados Unidos não são individualmente interessados. A consequência líquida provavelmente será promover uma atitude mais real e cautelosa dos Estados Unidos com relação às suas irmãs do Continente.

Na América Central, os Estados Unidos assistiram ao ameaçado colapso dos pactos centro-americanos negociados em Washington no ano de 1923. Um golpe de estado do general Chamorro produziu longa série de consequências que foram solucionadas temporariamente em novembro com a ascensão ao poder do novo presidente Adolfo Díaz. Comquanto os Estados Unidos mantivessem tecnicamente a eficiência dos tratados, não há certeza de que se afirmasse a estabilidade na América Central.

O caso da Nicarágua, produziu novos elementos de discordância, devido a terem os funcionários americanos deixado compreender que eles lamentavam profundamente as remessas de armas do México para certos elementos de Nicarágua em uma ocasião em que os Estados Unidos se esforçavam para obter a concórdia geral de todos os grupos políticos desse país mediante uma conferência. O México alegou que os embarques de armas foram feitos sob responsabilidade individual [...]

Em presença desses problemas perturbadores os Estados Unidos apoiaram fortemente a política pan-americana a fim de demonstrar a sua boa vontade e sentimentos amistosos planejou o vôo pan-americano, devendo os aparelhos dos Estados Unidos, visitar quase todas as capitais latino-americanas (*Folha da Manhã*, “A política externa dos Estados Unidos”, 09/01/1927, p. 06).

Aqui se pode notar uma justificativa “oficial/oficiosa” do Departamento de Estado norte-americano para as atitudes adotadas com os países latino-americanos no ano de 1926. A *United Press*, um braço importante de disseminação das ideias do governo dos Estados Unidos, encontrou espaço nas páginas do periódico paulista para “justificar” as ações de intervenção e interferência na política de países como a Nicarágua e o México, por exemplo. Argumentando sempre em tom de inevitabilidade dos fatos, como se a interferência dos EUA fosse absolutamente indispensável para a solução das questões, a agência apresenta o pan-americanismo como ideal primordial do governo *yankee*. Em “prol do pan-americanismo”, procurando demonstrar a “boa vontade e sentimentos amistosos”, foram tomadas as medidas intervencionistas.

Ao longo dos anos de 1926 e 1927, outros artigos e notas continuaram a ser publicados, versando a respeito de pretensas “incursões” imperialistas dos norte-americanos, mas gradativamente as notícias se aproximaram da temática da Sexta

Conferência Pan-americana, evento aguardado com a esperança de que se constituísse em espaço de debate acerca das características da política externa norte-americana. O pan-americanismo é cada vez menos mencionado, enfatizando-se a questão da intervenção:

Nicaragua vem sendo nos últimos tempos, a vítima indefesa do imperialismo norte-americano. Nação pequena, sem possibilidades materiais de fazer valer a própria soberania, situada além de tudo, em uma região que desperta a cobiça dos Estados Unidos, – a situação da Nicaragua se apresenta para as suas irmãs ibero-americanas, com o relevo histórico de uma projecção de destinos em marcha. O sentimento natural de fraternidade originária tende a solidificar, mais e mais, o bloco latino-americano, contra a pretensão avassaladora da grande potência do norte.

Agora mesmo, a atenção das outras nações latino-americanas, volta-se de novo para Nicaragua. Um telegrama da United Press, comunica-nos o seguinte:

“O departamento (norte-americano) de Marinha anunciou que dois aeroplanos, três oficiais de marinha e um destacamento de recrutas tiveram ordem de seguir para Corinto, na Nicaragua. Presume-se que a missão seja fiscalizar as eleições presidenciais, marcadas para o dia 6 de Novembro”.

Ha pouco tempo, tivemos ocasião de commentar o facto de o general Sacasa, da Nicaragua, ter ido saber do Departamento Político norte-americano, si elle poderia concorrer às eleições em seu paiz. Isso queria apenas si os Estados Unidos permittiriam uma tal pretensão.

Como se vê por tudo isso, a Nicaragua já deixou de ser uma colonia econômica do Imperialismo “yankee”: é agora, uma simples colonia política da América do Norte.

Não fosse a revolução mexicana de 1910, completada pela política de Obregon e de Calles, e o Mexico estaria hoje nas mesmas condições da Nicaragua.

Quando será que o povo brasileiro abrirá os proprios olhos?... (Folha da Noite, “O imperialismo em Nicaragua”, 22/10/1927, p. 04, grifos nossos).

No mês de dezembro de 1927, com a aproximação da Sexta Conferência Pan-americana aumenta significativamente a produção dos jornais com o intuito de analisar pormenorizadamente a política externa norte-americana. O *Correio da Manhã* liderou essa “ofensiva”, buscando as raízes históricas do comportamento imperialista dos Estados Unidos. No artigo “A dupla penetração norte-americana” (*Correio da Manhã*, 11/12/1927, p. 04), o periódico do Rio de Janeiro, a partir das considerações apresentadas no livro *A ilusão americana*, de Eduardo Prado, teceu um extenso comentário sobre o comportamento intervencionista norte-americano desde o século XIX, defendendo a idéia de que havia uma “dupla penetração” yankee em terras latino-americanas: material, através de instrumentos basicamente econômicos, como no caso das anexações e compras de territórios efetuadas no século XIX; mas também moral, pela imposição de seus valores e preconceitos como, por exemplo, a perseguição dos negros por parte de alguns norte-americanos.

Em meio às advertências, os noticiários se encaminharam para um momento de debate intenso, do qual nem os Estados Unidos nem os jornais puderam se desvencilhar: a

Sexta Conferência Pan-americana – ou Interamericana –, que ocorreu em janeiro de 1928, em Havana, Cuba. A Nicarágua foi objeto de debate na conferência, e o mundo aguardava um posicionamento crítico de seus representantes perante as atitudes norte-americanas. Entretanto, as “negociações” em terras cubanas, promovidas pelos EUA nos círculos diplomáticos, garantiram que o conflito entre norte-americanos e as tropas sandinistas permanecesse a uma razoável distância das assembléias. Apesar deste “esforço”, a intervenção foi mencionada e criticada duramente em Havana, mas foi condenada mais duramente nas páginas dos jornais brasileiros que, distantes dos “negociadores” dos Estados Unidos, continuaram a ofensiva contra o comportamento imperialista *yankee*.¹⁴

Notas

¹ ZICMAN, Renée B. “História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas”. PROJETO HISTÓRIA, no. 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1981, p. 89.

² Idem, *ibid.*, p. 90.

³ Este texto é parte de uma pesquisa de Mestrado, intitulada *A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934*, financiada pela FAPESP, e desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis, sob a orientação do Dr. José Luis Bendicho Beired. A referida pesquisa se encontra em fase de finalização.

⁴ BAGGIO, Kátia G. *A “Outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1998, p. p. 25-26.

⁵ A autora (Baggio) analisa o período compreendido entre o final do Império e as três primeiras décadas republicanas.

⁶ MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1991, p. 17.

⁷ Cf. CAPELATO, Maria H. R. “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: ser ou não ser latino-americano”. In: MOTA, Carlos G. (org.) *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 292. Como exemplos destas obras, poderíamos citar *A ilusão americana* (1893), de Eduardo Prado, e *Pan-americanismo* (1907), de Oliveira Lima.

⁸ Idem, *ibid.*, p. 297.

⁹ Como exemplo, vejamos uma nota publicada em *O Estado de S. Paulo*, no dia 29/01/1927, p. 02:

A MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO REALISADA NA UNIVERSIDADE CARIOCA – Buenos Aires, 28 (A.)
– A Federação Universitária, desta capital, recebeu um telegrama de sua similar no Rio de Janeiro, informando sobre a manifestação de protesto realizada na Universidade carioca, por motivo da intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua. (A grafia foi mantida conforme o original)

¹⁰ CAPELATO, op. cit., p. 298.

¹¹ Para maiores detalhes a respeito da produção da intelectualidade brasileira de fins do Império e das primeiras décadas republicanas, temas predominantes e questões principais, ver BAGGIO, op. cit., BEIRED, José L. B. *Sob o signo da nova ordem – Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola/História Social/USP, 1999, CAPELATO, op. cit., e MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

¹² *O Correio da Manhã* talvez tenha sido, dentre os periódicos analisados, aquele que mais utilizou esse recurso, pouco utilizado, por exemplo, por *O Estado de S. Paulo* e pelas *Folhas*.

¹³ Lembremos que a grafia das notícias aqui transcritas foi mantida conforme no original.

¹⁴ Em minha Dissertação de Mestrado realizei uma análise pormenorizada do material publicado entre os anos de 1926 e 1934, sendo que num dos capítulos me dedico à discussão dos artigos e notícias que abordaram o tema a partir do debate entre o pan-americanismo e o imperialismo, e noutro analiso o material que enfocou especificamente o movimento sandinista e a trajetória pessoal de Augusto C. Sandino. Por motivos óbvios, não foi possível abordar todas as vertentes neste breve texto.